

## O experimento colonialista de Tereza Cristina: figurações da colônia no romance histórico contemporâneo de mediação

*Tereza Cristina's colonialist experiment: figurations of the colony in the contemporary historical novel of mediation*

Carlos Henrique Lopes de Almeida\*

Universidade Federal da Integração Latino-americana – UNILA  
Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil

Robson Rosa Schmidt\*\*

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE  
Cascavel, Paraná, Brasil

Thiana Nunes Cella\*\*\*

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE  
Cascavel, Paraná, Brasil

**Resumo:** O período de formação da sociedade paranaense, especialmente, durante o século XIX, é marcado pela fundação de diferentes colônias ou agrupamentos de imigrantes em comunidades experimentais. Dentre elas está a Colônia socialista Tereza Cristina, instaurada na região central do Paraná, no vale do Rio Ivaí, hoje um diminuto distrito na cidade de Cândido de Abreu. Esse episódio do passado do estado é reelaborado por duas narrativas híbridas de história e ficção da modalidade mediadora, a saber: *A utópica Teresense* (2016), de André Jorge Catalan Casagrande, e *Retrato no entardecer de agosto* (2016), de Luiz Manfredini. Neste artigo, analisamos criticamente essas narrativas com o objetivo de averiguar de que maneira o discurso ficcional manipula e amplia o discurso historiográfico sobre esse empreendimento. Nesse ínterim, nos apoiamos em Fleck (2017) e Cella (2022) para a classificação das narrativas, no aporte historiográfico referente ao processo de instalação, manutenção e falência da colônia Tereza nos reportamos a Silva (2017), Fernandes (2006) e Dysarz (2013). Com relação à metodologia de análise do *corpus* utilizamos as concepções teóricas de Genette (1979), Lins (1976) e Fleck (2017). A partir de nossas análises verificamos que as narrativas em questão oferecem novas e ampliadas perspectivas sobre um evento histórico ainda pouco explorado pela historiografia e que permitem a matização das relações entre os imigrantes europeus e as comunidades indígenas e quilombolas.

**Palavras-chave:** Colônia Tereza Cristina. História do Paraná. Jean Maurice Faivre. Romance histórico contemporâneo de mediação. Socialismo utópico.

**Abstract:** The period of Paraná society's formation, especially during the 19th century, is marked by the founding of different colonies or groupings of immigrants in experimental communities. Among them is the Socialist Colony Tereza Cristina, located in the central region of Paraná, in the Ivaí River Valley, nowadays a tiny district in the city of Cândido de Abreu. This episode from the past of the state is re-elaborated by two hybrid narratives of history and fiction of the

\* Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás -UFG. Docente da Universidade Federal da Integração Latino-americana - UNILA. Docente no Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada (PPGLC) da UNILA e no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Líder do grupo de pesquisa Literatura, educação, sociedade e Cultura. Membro do grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. E-mail: carloshlalliteratura@gmail.com.

\*\* Mestrando em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Docente da Rede Estadual de Ensino do Paraná – SEED-Pr. Membro do grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. E-mail: robsonrosaschmidt@gmail.

\*\*\* Doutora em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, com período sanduíche PDSE/Capes na Universidad del Salvador - USAL, Argentina; docente do Instituto Federal do Paraná - IFPR, campus Coronel Vivida. Integrante do grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização” E-mail: thianacella@gmail.com.

mediation modality, namely: *A utópica Teresevile* (2016), by André Jorge Catalan, and *Retrato no entardecer de agosto* (2016), by Luiz Manfredini. In this article we critically analyze these narratives in order to find out how the fictional discourse manipulates and expands the historiographical discourse about this enterprise. In the meantime, we rely on Fleck (2017) and Cella (2022) for the classification of narratives, in the historiographical contribution regarding the process of installation, maintenance and bankrupt of the colony Tereza we report to Silva (2017), Fernandes (2006) and Dysarz (2013). Regarding the corpus' analysis methodology we rely on the theoretical concepts of Genette (1979), Lins (1976) and Fleck (2017). From our analyses, we verified that the narratives in question offer us new and expanded perspectives on a historical event still little explored by historiography and that allow the nuance of relations between European immigrants and indigenous and quilombola communities.

**Keywords:** Colony Tereza Cristina. Contemporary historical novel of mediation. History of Parana. Jean Maurice Faivre. Utopian socialism.

## INTRODUÇÃO

O século XIX, no Brasil, foi marcado por diversos projetos de colonização – especialmente, no sul do país –, esses foram impulsionados pelas elites brasileiras desse contexto, que tinham como modelo o ideário civilizatório, típico do projeto de modernidade eurocêntrico – como projeto civilizatório e modernizante. A esse aspecto, soma-se a preocupação com a força de trabalho, por um lado, em razão da iminência da abolição da escravidão e, pelo outro, as dificuldades de adaptação dos trabalhadores brancos pobres diante do novo cenário de exploração e das precárias relações de trabalho, assim como com a proteção e manutenção das fronteiras brasileiras.

Como alternativa, portanto, a elite brasileira e o governo lançam mão de uma política imigratória, a fim de atrair novas forças para o trabalho, com destaque para os imigrantes vindos da Europa. O papel desse contingente de origem europeia não se limitaria apenas a alavancar a produção, mas ao mesmo tempo influenciar a população residente com os seus costumes e habilidades tão admiradas pela classe dominante.

Segundo Salles (1986), a busca por novos trabalhadores que ocupassem o lugar da prática escravista, até então única forma conhecida, favoreceu a entrada dos imigrantes como uma espécie de trabalhador não totalmente livre, nem totalmente escravizado. Os organizadores dessa política de imigração não imaginaram que o encontro desses grupos e suas relações não seriam tranquilas como imaginavam. Pode-se inferir que o surgimento de algumas colônias de imigrantes – sobretudo europeias – não se limitou apenas ao propósito de povoamento, mas foram articuladas como uma forma de facilitar o convívio entre as diferentes etnias e as suas diferenças culturais.

Dentre as colônias instaladas no Paraná, estão a Colônia Tereza Cristina, fundada em 1847 pelo médico francês Jean Maurice Faivre, instalada sob os princípios socialistas, às margens do Rio Ivaí, área onde fica a atual cidade de Cândido de Abreu; a Colônia de Superagui, implantada em 1852 pelo cônsul suíço Charles Perret-Gentil, localizada na atual Ilha de Superagui; e a Colônia Cecília, fundada em 1890 pelo escritor e agrônomo italiano Giovanni Rossi, a qual apresentava forte influência das premissas anarquistas, estabelecida no espaço do atual município de Palmeira.

Esses episódios do passado paranaense são germe para diferentes reelaborações realizadas por meio do discurso literário, especialmente por meio de narrativas híbridas de história e ficção, também denominadas como romances históricos. Nestes, há a renarrativização ou a ressignificação<sup>1</sup> crítica do processo de colonização, do povoamento do território e da formação da

---

<sup>1</sup> Na esfera das investigações sobre as narrativas híbridas de história e ficção, realizadas no âmbito do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, empregamos as taxonomias distintivas “renarrativizar” e “ressignificar” frente ao amplo universo dessas produções. No primeiro caso, a referência dá-se àquelas escritas literárias que buscam renarrar os eventos do passado sem alterar as bases ideológicas e o discurso colonialista, que caracteriza a historiografia hegemônica de cunho rankeano que, no passado, já os registrou. Já para o caso das narrativas literárias que se enfrentam com esse discurso tradicional, seja da historiografia ou do próprio romance histórico – em suas manifestações da

sociedade do estado do Paraná. Como exemplares de narrativas que dialogam com a instalação de colônias no Paraná, selecionamos duas narrativas que reelaboram a instalação e a vida da Colônia Tereza Cristina, a saber: *A utópica Tereseville*, de André Jorge Catalan Casagrande, publicado em 2016 pela Editora Garimpo, e *Retrato no entardecer de agosto*, de Luiz Manfredini, também publicado em 2016, pela Editora Ipê Amarelo.

As duas narrativas selecionadas são por nós classificadas como romances históricos contemporâneos de mediação, na acepção de Fleck (2017), e apresentam, cada uma a seu modo, perspectivas distintas daquela perpetrada pela historiografia tradicional. Nesse sentido, em nossas análises, almejamos examinar de que forma essas obras apresentam prismas capazes de amplificar a nossa compreensão sobre a formação do estado e colaborar na percepção de como a mesma reflete na atual sociedade.

Para o desenvolvimento desse estudo, portanto, realizamos, primeiramente, uma breve abordagem do discurso historiográfico sobre as ideologias e bases teóricas, a instalação, o desenvolvimento e o declínio da Colônia Tereza. Em seguida, nos dedicamos à apresentação e o exame analítico qualitativo das duas narrativas supracitadas, momento em que abordamos seus enredos e demonstramos suas principais características, bem como os pontos de convergências e divergências entre as duas obras contempladas. Em linhas gerais, demonstramos como tanto *A utópica Tereseville* (2016) quanto *Retrato no entardecer de agosto* (2016) ressignificam o passado paranaense por meio de uma estrutura narrativa fluida e coloquial, com uma perspectiva crítica amena e criteriosa.

## A COLÔNIA TEREZA CRISTINA: INSTALAÇÃO E DECADÊNCIA

A Colônia Tereza Cristina, também mencionada como *Teresèville* ou Thereza Christina, foi fundada em maio de 1847 por Jean Maurice Faivre – e seus conterrâneos da região francesa de Jura –, localizava-se às margens do rio Ivaí, atualmente pertencente à cidade de Cândido de Abreu. Cabe salientarmos que a bibliografia acessada e o *corpus* literário dessa investigação apresentam divergências quanto à grafia da nomenclatura, ora apresentada como Tereza Cristina, ora como Thereza Christina – tal como o nome da imperatriz Dona Thereza Christina, esposa de Dom Pedro II, a quem o designativo da colônia homenageou. Para fins de uniformização, optamos pela grafia Tereza Cristina, como é hoje a designação na língua portuguesa, com ressalvas para os casos de citação, onde mantivemos conforme o texto original.

Sobre o processo de instalação da Colônia Tereza, Fernandes (2006) apresenta as primeiras providências dos colonos em terras candiabuenses, tais como a derrubada das matas para o assentamento e as adaptações necessárias às suas dietas - com predileção ao uso de pinhão. O autor salienta que a organização da topografia da colônia foi realizada em quadras ordenadas e ruas distribuídas a partir das margens do rio Ivaí, com zonas comunais de pastoreio e suinocultura. Ainda, demonstra como se fundamentava o sistema de escolha do local de construções essenciais para a subsistência, tais como o moinho, a serraria, ou mesmo a delimitação do cemitério, dentre outras particularidades. Referente à consolidação da Colônia, Fernandes (2006, p. 100) aponta:

No ano seguinte à fundação, já se percebia que a Vila Thereza não era um pequeno amontoado de cabanas, sem ruas traçadas e sem um plano preestabelecido de urbanização. Ao contrário, como pensara Jean-Maurice desde o início, dividiu-se perfeitamente a zona em que ficariam as residências, com

---

modalidade clássica e tradicional –, para revelar outras perspectivas, agentes e condicionantes históricos utilizamos a lexia “ressignificar”. Essa, segundo a ideologia do Grupo, vai muito além da ressemantização, pois envolve um outro olhar para o passado colonialista, para a construção da identidade latino-americana e para a formação do cidadão, agente histórico não passivo frente à colonialidade do poder, do saber e do ser, conforme proposto por Mignolo (2014).

quintais, com a rua à frente, daquela onde seriam erigidos os estabelecimentos em comum, para a fiação do algodão e do linho, para o corte e beneficiamento de madeiras, além da olaria em que os colonos fabricariam telhas e tijolos com formas rudimentares. O alambique para o preparo de aguardente e o moinho, onde o milho e o trigo seriam processados, também ficariam nas margens do rio, próximo das outras indústrias comunitárias.

Essas eram as configurações básicas dos primeiros anos da colônia. Sobre essas zonas comuns e a respeito do caráter comunitário da colônia, podemos verificar em Fernandes (2006) e em Silva (2017) que coube à fundação colonial da Tereza o pioneirismo na implementação dos ideais do cooperativismo no Brasil. Sobre esse fato, Silva (2017, p. 2423) assevera que a “colônia Thereza Cristina fundou o primeiro processo de cooperativismo no Brasil em 1847, visto que seu sistema era voltado para a agricultura e não para o processo industrial como na Inglaterra”. Ainda que abertamente inspirado na teoria fourientista<sup>2</sup> e nos preceitos da sociologia utópica, com referências diretas às ideias do falanstério de Charles Fourier na formação ideológica de Jean Maurice Freire, Fernandes (2006, p. 104) nos alerta que o médico francês não “se agregou e nem se vinculou a qualquer deles, embora sua obra possua um pouco de cada um”.

Enquanto Faivre geria a colônia, Tereza era próspera, como o afirma em uma carta ao presidente da comarca municipal de Guarapuava datada de 1857 (FAIVRE, 1857. s/p), onde o médico fundador afirma: “A carestia em geral nos grandes como nos pequenos mercados aqui estes gêneros não têm faltado, todos comem.” A relevância do fato de não haver falta de alimentos na colônia Tereza Cristina refere-se à alta inflação ocorrida no Paraná na década de 1850, reflexo da Lei Eusébio de Queiroz de 1850, que pôs fim ao tráfico negreiro e, por conseguinte, gerou a falta de mão de obra escrava.

No Paraná, a mão de obra escrava era principalmente utilizada na agricultura (WACHOWICZ, 1988). Sendo o sistema de produção agrícola dependente da força de trabalho escravizada, com o fim do tráfico, em muitos espaços, houve escassez na produção de alimentos pela falta de trabalhadores submetidos ao regime escravista. Como a Colônia Tereza não compartilhava da base desse regime de trabalho forçado, esse panorama não afetou a economia local. Como corrobora Silva (2017, p. 2425): “Thereza Cristina era antiescravista e não presenciou tal crise”. No entanto, a colônia passa por dificuldades em relação a sua localização geográfica, à insalubridade da mata, às frequentes cheias e inundações do rio Ivaí.

Ainda, sobre a prática do regime escravista dentro da colônia, as leis de Jean Maurice Faivre eram claras: “Os escravos são proibidos na Colônia de Thereza; e todo escravo acompanhado de seu dono, na dita, pelo espaço de um ano e um dia, fica foro por esse fato; a menos que por um acordo particular, o escravo se tenha obrigado a servir por mais tempo” (FERNANDES, 2006, p. 145). Apesar de não alinhadas à prática imperial, Faivre tinha o consentimento de Dom Pedro II para legislar nos domínios do empreendimento socialista.

Pelas determinações de Faivre, a escravidão, motor da economia no período do Segundo Reinado, não podia ser praticada mesmo nas cercanias de Tereza. Se um escravo fosse à colônia, ao prazo de um ano seria automaticamente alforriado. Tais regras, portanto, tornaram a colônia um experimento único de colonização no Brasil, além de inovador.

Entre as características fundamentais da colônia, portanto, está o seu caráter antiescravocrata, que proibia o uso de mão de obra escrava em suas dependências, fator bastante progressista num período histórico marcado pela produção agrícola como principal atividade econômica, a qual estava, ainda, amplamente dependente da mão de obra de pessoas escravizadas. Nesse sentido, cabe ressaltar que naquele momento histórico, a busca e promoção pela abolição da escravatura já era matéria difundida, ainda que o processo de abolição levaria mais de duas décadas para ser

<sup>2</sup>Linha teórico sociológica inspirada em Charles Fourier (1772-1837), um dos grandes socialistas utópicos. Sua doutrina pregava contra os comerciantes e capitalistas, atacava a religião, a instituição familiar e a ideia de civilização. É responsável pelo uso do termo Falanstério para denominar as comunidades cooperativas experimentais.

concretizado. Em 1850, foi decretada a Lei Eusébio de Queirós, determinando a abolição do tráfico negreiro no Brasil. Depois de mais vinte e um anos, em 1871, foi decretada a Lei do Ventre Livre, também conhecida como Lei Rio Branco, que determinava que toda criança nascida após a data de sua publicação seria considerada livre. Mas é apenas em 1888 que a outorga da Lei Áurea pela princesa imperial regente extingue legalmente e definitivamente a escravidão no Brasil. Assim, os ideais de liberdade e igualdade que Faivre implementou na Tereza Cristina eram revolucionários para a época.

Como regra geral, havia somente a norma de que quem morasse na colônia deveria trabalhar com igualdade. Sobre essa condição, Fernandes (2006, p. 146) observa que “[...] brasileiros ou estrangeiros de qualquer nação, precisavam ter bons costumes e disposição para o trabalho. Nada mais.”. Entretanto, o autor também salienta o fato de que os primeiros colonos, majoritariamente, de origem francesa, desertaram em grande número, ainda enquanto Faivre era líder da colônia, os quais partiam do vale do Ivaí em direção a outras regiões do Paraná, especialmente Ponta Grossa e Curitiba. Tanto Silva (2017) como Fernandes (2006) são consoantes ao elencar entre as principais razões das deserções da colônia a pouca experiência das famílias francesas com a agricultura tropical e a precariedade da região onde ela estava localizada.

De acordo com Fernandes (2006), somente duas famílias francesas continuaram na Colônia de Tereza nos anos posteriores à morte de Faivre. No entanto, após a morte do médico idealizador da colônia, outras etnias se juntaram aos colonos remanescentes, os quais compreendiam tanto migrantes brasileiros como imigrantes estrangeiros. Dessa maneira, foi possível que a Colônia Tereza permanecesse viva, embora desconfigurada dos ideais cooperativistas pregados quando de sua fundação.

Também inovadora era a articulação da colônia com as práticas de cooperativismo agrícola, fator sobre o qual é considerada uma pioneira no Brasil. Pautada nos fundamentos do socialismo utópico, defendia princípios como a propriedade coletiva dos meios de produção e regras comportamentais que buscavam uma sociedade mais fraterna e justa. Tais aspectos fazem da colônia Tereza Cristina um marco singular de colonização no sul de Brasil, seja pela busca de novos modelos colonizadores, seja pela trajetória de seu idealizador, forjado e defensor dos ideais socialistas utópicos.

Esses fatores históricos da colonização paranaense, assim como tantos outros, são matéria histórica para as narrativas híbridas de história e ficção paranaenses. Neste artigo, como já mencionamos anteriormente, nos dedicamos aos romances históricos contemporâneos de mediação (FLECK, 2017), *Retrato no entardecer de agosto* (2016), de Luiz Manfredini, e *A utópica Teresevile* (2016), de André Jorge Catalan Casagrande.

Essas obras, selecionadas para compor o *corpus* de análise deste manuscrito, reelaboram o espaço geográfico e temporal da Colônia Tereza Cristina, abordam aspectos sociais, históricos e culturais de sua implementação e seu progresso com uma postura crítica frente ao discurso histórico hegemônico. Assim, as múltiplas possibilidades da criação literária permitem a esses textos ficcionais transportarem elementos factuais, reflexivos e críticos, tecer relações com o discurso histórico oficial, ressignificar eventos, sem abandonar o status de ficção. É a partir dessas possibilidades que nos propomos, a seguir, a analisar as narrativas de Manfredini e Casagrande.

## **A COLÔNIA TEREZA REFIGURADA PELA FICÇÃO HISTÓRICA PARANAENSE**

Como já mencionamos, o espaço geográfico e temporal referente à Colônia Tereza é pano de fundo para as narrativas híbridas de história e ficção de Casagrande e Manfredini. Apesar de ressignificarem o mesmo evento ou episódio histórico, ambos os romances apresentam olhares bastante diversos sobre a instalação da Colônia. *Retrato no entardecer de Agosto* (2016) dedica-se à reelaborar o processo de instalação da colônia, seus percalços e dificuldades, bem como aspectos

precedentes da vida de Faivre, enquanto em *A utópica Teresevile* (2016) o enfoque recai no romance vivido entre Raimundo e Alice, um jovem escravizado recém liberto por Faivre e uma professora francesa.

A diegese de *A utópica Teresevile* (2016), de André Jorge Catalan Casagrande, inicia com o encontro entre o médico Jean Maurice Faivre - personagem de extração histórica ficcionalizada na obra, fundador e idealizador da colônia, com a personagem puramente ficcional, Raimundo - jovem escravo que é doado ao médico pela sua atuação após salvar um senhor de escravos da região. Faivre, primeiramente não o aceita como presente, mas após ser convencido, acolhe o rapaz e o alforria.

Alforriado, Raimundo segue com o médico até a colônia, demonstrando-se muito lírico com a sua recente liberdade. Na colônia, apaixonou-se pela recém emigrada da França, Alice, uma das poucas pessoas que o tratam com cortesia e não com a hostilidade e rispidez preconceituosa disseminada pela cor de sua pele. Alice, após relutar e se debater com seus sentimentos, corresponde aos anseios de Raimundo. Porém, as diferenças étnicas são levantadas pelos colonos, em especial pelo pai de Alice, Joseph. Durante uma reunião festiva, à beira de um fogo de chão, Raimundo e Alice dançam, e despertam a fúria dos colonos, o que obriga Raimundo a fugir para uma comunidade quilombola localizada na região. Lá é recebido e acolhido com alegria. No entanto, a falta de alguns itens básicos no quilombo faz Raimundo sugerir aos quilombolas que busquem contato com a Colônia, uma vez que foi bem recebido pelo médico fundador. Dessa maneira, estabelecem um sistema de escambo, em que a comunidade quilombola ofereceria a mão de obra em troca de itens como farinha, açúcar, entre outros. Esse comércio prosperou, culminando na ajuda na colheita do mate em Tereza Cristina.

Nesse ínterim, há a construção narrativa do romance entre Raimundo e Alice com encontros furtivos, que rapidamente levantam as desconfianças na colônia. O pai de Alice, alertado dos encontros, decide que a família deve partir com o intuito de afastar os dois jovens. Após uma intervenção de Faivre, Alice enfrenta o pai e decide permanecer junto a Raimundo no vale do Ivaí, na comunidade quilombola. Em seu novo lar, Alice é excluída do círculo quilombola, repelida pelas mulheres e julgada pelos homens. Essa hostilidade deixa Raimundo profundamente consternado, levando-o, num rompante, ao suicídio. Seu corpo é encontrado por Alice, e junto a um único amigo quilombola, levam-no para Tereza Cristina. Poucos meses depois, reintegrada à colônia, Alice descobre que está grávida, mas dá à luz um natimorto. O término da trama romanesca ocorre com a presença de um reverendo que vem à colônia Tereza e ao observar os túmulos, num cemitério improvisado, depara-se com as lápides de Raimundo e do filho, que o leva a divagar sobre os princípios da colônia e sua busca por transformação social:

A transformação da civilização deveria, portanto, emanar da bondade do coração humano. E, pelo que pude apurar, esse foi o motivo da escolha de um lugar tão retirado para a instauração de Tereza Cristina: somente distante do egoísmo e da competitividade inerente à antiga civilização seria possível reconstruir um novo modo de ser sobre a terra, mais fraterno, mais humano e, concomitantemente, mais divino. (CASAGRANDE, 2016, p. 118).

Em linhas gerais, essa é a diegese narrativa de *A utópica Teresevile* (2016), a qual é articulada por meio de vinte e dois capítulos relativamente curtos, apresentados essencialmente por um narrador heterodiegético, que cede espaço também a outros narradores em nível autodiegético, conforme acepção de Genette (1979). Em outras palavras, são múltiplos narradores, que oscilam entre a narração do romance entre Raimundo e Alice e os aspectos sociais e históricos da colônia. Essas multiplicidades, porém, não afetam significativamente a linearidade narrativa e, na verdade, conferem novas e ampliadas projeções sobre o passado paranaense, sobre os processos de formação social, sobre o extermínio indígena, sobre o papel da Igreja e, também, sobre a figura de Jean Maurice Freire. Nesse sentido, Faivre ganha contornos bastante laudatórios, é caracterizado

como um herói, com grande integridade, lealdade e compaixão. Podemos observar essa construção narrativa da personagem de Faivre no seguinte trecho, em que ele exprime seus princípios e normas:

- Raimundo é uma pessoa como nós, disse o doutor aos interlocutores. A cor de sua pele não justifica atentado algum. Tereza Cristina nasceu livre da escravidão e assim deve permanecer. Viemos ao novo continente para construir uma nova civilização: mais justa, mais humana, mais fraterna e menos preconceituosa. Não há entre nós primeiros nem últimos. Aqui somos todos iguais. Devemos tratar e ser tratados como tal, independentemente da instrução, da cor da pele ou da religião. Não admito que episódios semelhantes a esse se repitam por aqui. (CASAGRANDE, 2016, p. 39).

Outro ponto interessante na análise do romance é o espaço. Osman Lins (1976) nos lembra que o espaço pode ocupar o centro de um romance. E, neste romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2017), o espaço é um personagem que se rebela contra a ocupação. Lemos, ao longo do romance, como os pinheirais machucam as personagens, como o rio Ivaí, que cruza Tereza Cristina, e é espaço real ficcionalizado, é arredio ao empreendimento colonizador, transbordando várias vezes e destruindo as principais atividades de subsistência da colônia. Podemos observar, inclusive, no trecho a seguir como o espaço interfere na caracterização e no comportamento das personagens: "O isolamento, por sua vez, era entediante. Alguns beiravam a loucura, enquanto outros chegavam às vias de fato [...] os desafios da mata, o isolamento da colônia, devido a precariedade dos caminhos de acesso, a saudade da civilização e dos amigos fez com o que o pobre rapaz aperreasse." (CASAGRANDE, 2016, p. 35). Essa é uma observação realizada sobre a primeira morte ocorrida na colônia: o suicídio de um jovem que não resistiu ao isolamento forçado.

Como mencionamos, o romance *A utópica Teresevile* (2016) é classificado como um romance histórico contemporâneo de mediação (CELLA, 2022), modalidade mais recente do gênero romance histórico, de acordo com os postulados de Fleck (2017). Observamos nessa composição romanesca a linearidade (ou semi-linearidade) da diegese; a construção da verossimilhança com visões críticas e atualizadas do passado, o foco narrativo ex-cêntrico ou marginalizado, dentre outras características da modalidade proposta por Fleck (2017). Sobre essa modalidade, o professor e teórico especializado em romance histórico assevera que

Essas narrativas híbridas de história e ficção atuais não se fixam, como ocorre com o novo romance histórico, em grandes heróis mitificados pelo discurso historiográfico e na releitura de suas ações com o intuito de romper imagens cristalizadas e mitificadas destes. Antes da desconstrução de heróis consagrados e suas ações, elas buscam por personagens históricas periféricas, marginalizadas ou excluídas- ou metonímias destas-, a fim de representar perspectivas silenciadas e negligenciadas pela historiografia. São releituras críticas do passado, protagônicas ex-cêntricas, como ocorre várias vezes na metaficção historiográfica, contudo, sem o sumário intenso da desconstrução radical que orienta a produção crítica precedente. (FLECK, 2017, p. 105)

Assim, após observarmos os postulados de Fleck (2017) sobre essa nova modalidade de romances históricos, podemos reafirmar a classificação *A utópica teresevile* (2016) como um exemplo do romance histórico contemporâneo de mediação, classificação já realizada por Cella (2022) em tese que aborda a trajetória do romance histórico paranaense.

Dentre as características elencadas por Fleck (2017) para a classificação de um romance histórico contemporâneo de mediação, como mencionamos, está a presença de um foco ex-cêntrico, em que a narrativa visibiliza perspectivas antes marginalizadas ou obliteradas pelo discurso tradicional. Em *A utópica Teresevile* (2016), essa peculiaridade ocorre a partir da ótica de Raimundo, negro, ex-escravo, desprezado pela maioria branca da colônia, mas que ganha voz, representatividade e protagonismo no universo diegético. Nessa esteira, junto à representação do quilombola, pouco a pouco, há a inserção de elementos culturais, crenças religiosas, ritos e mitos relacionados ao universo africano, tal como podemos observar no excerto a seguir, em que os seus

orixás são trazidos à construção romanesca: “Raimundo dormiu tanto quanto Oxalá, orixá criador, embriagado, depois de beber vinho de palma fresco direto do caule de um dendezeiro, o que acarretou na perda do saco da criação, segundo os relatos cosmológicos africanos” (CASAGRANDE, 2016, p. 24).

Ao mesmo tempo em que apresenta esse aspecto inovador em relação aos romances históricos tradicionais – que focavam nos grandes fatos e grandes heróis do passado –, a narrativa de Casagrande mantém uma estreita relação com aspectos religiosos cristãos, seja cultivado em hábitos de suas personagens, seja nas reflexões de seus narradores, esses elementos são gradativamente lançados na constituição narrativa, como ocorre em: “Desejou-a mais do que nunca. E, enfim, conheceram-se biblicamente” (CASAGRANDE, 2016, p. 71), ou ainda em episódio como no trecho a seguir, em que a mitologia bíblica é lembrada a um grupo de indígenas:

Os indígenas, conhecendo parcamente a história do Cristo, contada por seus ancestrais catequizados pelos jesuítas, perquiriram-nos mais relatos sobre essa divindade. Contamos a respeito da multiplicação dos pães e dos peixes que alimentaram mais de cinco mil homens; narramos o episódio da ressurreição asseverando que três dias depois de sua morte o Cristo ressuscitou dentre os mortos; e acabamos a exposição elucidando a criação da mulher, que embora não fizesse parte dos ensinamentos de Jesus, era a narrativa bíblica predileta de Faivre (CASAGRANDE, 2016, p. 91-2).

Ao mesmo tempo, Faivre tece críticas aos sacerdotes e à instituição que mantinha práticas escravagistas: “- Além disso, sugiro que os clérigos alforriem seus escravos, dando o exemplo aos demais senhores. Inconformado com a hipocrisia religiosa, não aceitava que os homens ditos cristãos mantivessem cativos outros seres humanos semelhantemente criados à imagem da divindade.” (CASAGRANDE, 2016, p. 58). Essa característica, portanto, retoma a busca conciliadora da modalidade mediadora, que retoma os aspectos mais tradicionais junto às renovações críticas, mas não abertamente agressivas.

O outro romance que abordaremos neste texto, cuja diegese discursiva também mantém como espaço a colônia de Tereza Cristina, é *Retrato no entardecer de agosto*, de Luiz Manfredini, publicado em 2016, mesmo ano de *A utópica Teresevile* (2016). A princípio, o romance de Manfredini (2016) não parece distanciar-se grandemente daquele discurso perpetuado pela historiografia convencional. O que muda, nessa narrativa, é o tom que ela apresenta quando da sua reatualização ao nosso tempo, com perspectivas que não se enquadrariam à época reelaborada. Entre essas atitudes está a relação entre europeus e os povos autóctones, ou mesmo o fato de que, na Colônia, adotou-se um sistema anti-escravocrata em tempos que a escravidão era vista como algo normal e fora duramente criticada à época. Além disso, a composição diegética cede grande espaço para a abordagem dos aspectos sociais e históricos da época, com muitas analepses para a organização de Faivre, para a instauração da colônia, os diálogos e episódios com políticos e sociólogos, permeados por análises e discussões dos princípios do socialismo utópico e as articulações sociais que nortearam a instalação da Colônia - como podemos verificar no excerto a seguir:

Todos repartirão entre si o trabalho e seus frutos, acrescentava Fourier, os afazeres mais ásperos ou desagradáveis serão mais bem remunerados, e homens e mulheres serão iguais. O dinheiro e a propriedade privada não vão desaparecer, mas estarão submetidos ao interesse social. Fourier garantia a quadruplicação da riqueza do falanstério só com a libertação da maioria das mulheres das tarefas domésticas, que seriam simplificadas. [...] O trabalho seria remunerado segundo sua qualidade e as pessoas poderiam variar de atividade durante o dia, evitando que reprimiram uma das treze paixões do ser humano, a da borboleta. [...] o velho usava esse termo lembrando o hábito da borboleta de passar de uma flor a outra. Aplicado ao ser humano, expressava seu eterno e saudável desejo de variedade. (MANFREDINI, 2016, p. 95).

Quanto à reelaboração do passado paranaense, verificamos uma atitude mediadora entre a perpetuação apologética do discurso histórico oficial e a sua atualização crítica. Se em *A utópica*

*Teresevile* (2016) a tônica recai sobre as relações entre a Tereza e a comunidade quilombola, em *Retrato no entardecer de agosto* (2016) o olhar ficcional atenta-se às relações com as populações indígenas da região - nomeadamente, das etnias Guarani e Kaingang. Tal aspecto faz com que o universo ficcional ofereça indícios de perspectivas nem sempre visibilizadas pela historiografia tradicional, todavia, o próprio discurso histórico sobre esse episódio é bastante escasso, o que dificulta uma análise comparativa mais aprofundada, e que confere caráter inovador e revisor à tessitura romanesca de Manfredini.

Esses fatores, fazem com que a nossa leitura de *Retrato no entardecer de agosto* (2016), perceba-o como uma narrativa com crítica mais amena, em que a interpelação exige um leitor atento e especializado, aproximando-se às propriedades de um romance ensaísta ou romance ensaio. Podemos constatar essa propriedade no trecho a seguir, em que a instituição familiar e a monogamia feminina são discutidas sob a ótica do socialismo utópico:

Fourier acreditava que a camisa-de-força da relação monogâmica fazia da mulher um objeto de uso, sem dignidade nem liberdade, submetida, junto com os filhos, a um verdadeiro déspota familiar. Certa vez, Garnier ouviu de Fourier a ideia de que seria possível medir o grau de progresso social de uma nação pelo grau de emancipação feminina. O velho propunha substituir o casamento monogâmico por um novo mundo amoroso que facilitasse a satisfação plena de todos os desejos e inclinações sensuais de cada pessoa. Mas, segundo Garnier, a liberdade sexual fourierista parecia a Faivre a porta aberta para uma libertinagem que ele não aceitava. (MANFREDINI, 2016, p. 97).

Suas características mediadoras residem, portanto, na ficcionalização de um episódio histórico frequentemente negligenciado pela historiografia tradicional, que ao mesmo tempo, ainda que o humanizando e desmitificando, apresenta aspectos saudosistas em relação ao seu protagonista. Nesse cenário, além de Faivre, muitas figuras históricas são inseridas, tal como Charles Fourier – co-fundador da colônia - e Thomas Fox Eagleton, intelectuais que são ficcionalizados junto à uma infinidade de outras personagens ficcionais e caricatas, tal como a presença de um misterioso indígena botocudo e o chefe Viri. Além de personalidades históricas como Dom Pedro I, que também são humanizadas e dessacralizadas.

O universo diegético apresenta como figura protagônica a personagem de extração histórica Jean Maurice Faivre, que se encontra em seu leito de morte, sucumbido pela febre tifóide. Quem ocupa o espaço de relator e narrador homodiegético é Balthazar – seu amigo leal e de confiança, personagem puramente ficcional – que atua como um receptáculo das memórias de Faivre e, assim, possibilita a articulação de diferentes fios e focos narrativos. Dentre as personagens de extração histórica que recebem um enfoque mais aprofundado estão as experiências de Garnier, que conduz uma investigação sobre Faivre, e por isso realiza uma abordagem mais detalhada sobre os princípios norteadores da colônia.

Assim, é a partir das ponderações e experiências de suas personagens que o percurso de instalação e falência da Colônia Tereza é tecido em *Retrato no entardecer de agosto* (2016). Essas elucubrações coexistem com linhas narrativas em que se reelaboram, ficcionalmente, o passado e a trajetória de Faivre, sua suposta relação com a Imperatriz Tereza Cristina, suas atividades como médico e botânico naturalista, as possíveis motivações que o trouxeram ao Brasil, seu retorno à França para congregar companheiros, sua estadia no Rio de Janeiro, e tantas outras figurações que constroem a imagem heroica de Faivre.

Em sua diegese, *Retrato no entardecer de agosto* (2016) distingue-se de *A utópica Teresevile* (2016) ao não incluir uma problemática relação amorosa - característica própria das modalidades clássica e tradicional do romance histórico. Ao contrário, as relações afetivas de seu protagonista fundador são inseridas superficialmente, no frenesi de seus devaneios e arrependimentos, e não ocupam uma função significativa nos aspectos globais da obra.

Nesse sentido, a colônia Tereza figura como uma das personagens principais - junto a Faivre -, é sobre ela e a vida na colônia que o foco narrativo se atém, como um leque do qual se abrem as

inúmeras possibilidades ficcionais - para usar a metáfora de Umberto Eco (2012). Um feixe desse leque ficcional contempla as adversidades da sobrevivência nas terras distantes do vale do Ivaí, abrangendo os enfrentamentos e as conflituosas relações com os povos autóctones que ali viviam e na discussão das dificuldades sociais e econômicas enfrentadas.

Em relação aos conflitos com as comunidades indígenas, a postura de Faivre se mostra sempre bastante pacífica, desacreditando e julgando a violência com que a situação era tratada pelos demais: "Então qual é a sua meta? - indagou o outro. Civilizar os índios, subtraí-los da vida errante e reuni-los à sociedade, até que possam viver de qualquer gênero de trabalho ou indústria. Nada me parece mais meritório. Sem forçá-los? Sim, sem forçá-los, sem violência, através do exemplo." (MANFREDINI, 2016, p. 39).

De fato, o universo diegético de *Retrato no entardecer de agosto* (2016) apresenta tanto os conflitos entre as etnias indígenas dissidentes - Kaingang e Guarani, figurados no plano enunciativo como botocudos e coroados -, como reelabora os ataques à população estrangeira invasora: "O ataque noturno dos índios, de surpresa e fulminante, que exterminara dias antes a modesta família de agricultores recém-chegada na Colônia, reforçou a intensa boataria sobre a iminência de novo assalto botocudo, desta vez mais amplo e sangrento." (MANFREDINI, 2016, p. 36).

Da mesma forma, para além de proteger a Tereza, na trama ficcional, Faivre buscava apaziguar as etnias dissidentes, os coroados se mostravam mais familiarizados e amistosos nas relações com a população imigrante. Os botocudos, no entanto, são retratados como mais hostis e violentos, vivem embrenhados na mata e praticam ataques à colônia e aos outros grupos autóctones. Na busca por paz, Faivre manda chamar Viri, cacique respeitado da região de Palmas. No plano romanescos, a tensão e iminência de um ataque botocudo é acompanhada pela progressão da doença de Faivre, que morre antes da chegada do líder indígena:

Dez dias após a morte de Faivre, o cacique Viri chegou à Colônia, acompanhado por pequena comitiva de índios de sua tribo. Internou-se na mata das cercanias e, quando retornou, dias depois, trazia um acordo com os botocudos. O ataque ameaçado não mais ocorreria. Em troca, a Colônia garantiria suas terras e lhes forneceria alimentos. Mas os botocudos jamais se deixariam civilizar, vivendo sempre distantes e arredios. [...] Viri permaneceria na região, à frente de um toldo de índios mansos removidos de Palmas. (MANFREDINI, 2016, p. 130).

A morte do médico e líder de febre tifóide, inclusive, é representativa também da precariedade com que viviam os colonos e toda a população da região. Fato que sugere ou denuncia o processo de incentivo imperial para a introdução de colonos europeus como pequenos proprietários de terras - ou mesmo a alocação da colônia Tereza - em regiões ermas e insalubres. Sobre essa temática, Dysarz (2013, p. 31), ao abordar a trajetória da Colônia de Superaguí, afirma que a morte dos colonos, e em especial, de Faivre, são exemplares sobre um dos "elementos que pontuaram o fracasso tanto da colônia parnanguara quanto o empreendimento de João Maurício Faivre no Ivaí: o caráter insalubre das regiões nas quais os colonos foram alocados." A dificuldade de acesso à Tereza e às outras regiões ocasionava a privação a serviços médicos e a condições básicas sanitárias, agravadas pelas constantes cheias do Ivaí que sobrepujava a perda de alimentos e colheitas e, por conseguinte, de recursos econômicos.

Na tessitura ficcional, o alheamento da colônia pode ser aferido, também, pela dificuldade em chegar na região: "Foi nossa primeira prova, a viagem até aqui, mais dura que a travessia do atlântico" (MANFREDINI, 2016, p. 70), assim como pelo sentimento de agonia de suas personagens e o desejo de abandonar o empreendimento socialista: "A floresta e as montanhas que tocavam o céu e a orquestra de pássaros e o balé dos insetos, até mesmo o uivo das feras lançando dentro da mata, tudo o que os fascinara quando botaram os pés nas margens do Ivaí passara a alimentar o silêncio, o medo e a fuga, muralhas a oprimi-los." (MANFREDINI, 2016, p. 115).

Em seus aspectos estéticos formais, tanto *A utópica Teresevile* (2016) quanto *Retrato no entardecer de agosto* (2016), classificam-se na modalidade de romances históricos contemporâneos de mediação.

Ambos realizam uma revisão crítica do passado da colônia Tereza, contemplam as dificuldades encontradas por esse modelo de povoamento no espaço do vale do Ivaí, ressignificam aspectos desse passado colonial e oferecem novas perspectivas sobre esse cenário e episódio histórico paranaense. Assim, são narrativas híbridas de história e ficção – pertencentes à fase mediadora do gênero – que fornecem alternativas para a compreensão de como ocorreram os processos de formação da sociedade paranaense.

Ao tecer uma crítica mais amena e fluída, essas narrativas aproximam-se da colocação de Gasparotto (2011), ao afirmar que essa modalidade narrativa permite uma reaproximação entre o “Novo” e o “Velho Mundo”, entre colonizador e colonizado, uma vez que:

[...] os romances históricos contemporâneos de mediação são uma opção para a manifestação mais amena e suave do diálogo entre os dois Mundos, já que eles permitem a manutenção e o equilíbrio, evitando fanatismos e críticas severas, que, muitas vezes, prejudicam ao invés de beneficiar um possível vínculo entre as culturas. (GASPAROTTO, 2011, p. 194).

Dessa forma, a possibilidade de diálogo entre colonizador e colonizado cresce devido à crítica menos agressiva, realizada de modo mais criterioso e prudente nas escrituras mediadoras - em oposição à crítica dura e violenta realizada pelas modalidades críticas-desconstrucionistas. De fato, nas narrativas de Manfredini e Casagrande, a figura metonímica do colonizador, bem como seus atos e façanhas, não são apresentadas pelo crivo da revolta das populações que padeceram ou tiveram de se adaptar às suas intervenções - como as comunidades indígenas e a população escravizada -, mas essas, ao mesmo tempo, não deixam de ser representadas e ressignificadas em seus universos ficcionais. Em outras palavras, essas narrativas passam a apresentar composições “com uma linguagem menos experimentalista e com uso de estratégias narrativas que produzem uma crítica menos agressiva, porém, do mesmo modo como nos novos romances históricos ou metaficções historiográficas, profunda e contundente.” (GASPAROTTO, 2011, p. 184).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo realizamos a análise de duas narrativas híbridas de história e ficção paranaenses que ressignificam o episódio de instalação da Colônia Tereza Cristina, fundada em 1847 pelo médico francês Jean Maurice Faivre, na região do vale do Ivaí, são elas: *A utópica Teresevile* (2016), de André Jorge Catalan Casagrande, e *Retrato no entardecer de agosto* (2016), de Luiz Manfredini.

Ambas as narrativas são classificadas como romances históricos contemporâneos de mediação, conforme trajetória proposta por Fleck (2017), nas quais a reelaboração crítica do passado realizada por meio da ficção nos oferece perspectivas nem sempre contempladas pela historiografia tradicional. Dessa maneira, são obras que colocam em diálogo óticas complementares, ao passo que *A utópica Teresevile* (2016) relaciona a Colônia Tereza com as comunidade quilombolas e as problemáticas da escravatura, *Retrato no entardecer de agosto* (2016) tece associações com as comunidades indígenas preexistentes na região.

Dessa forma, os romances *A utópica Teresevile* (2016) e *Retrato no entardecer de agosto* (2016) além de ficcionalizar uma experiência colonizadora díspar no território paranaense no século XIX, ressignificam na literatura as representações sobre a composição da sociedade paranaense, lançam luz sobre os conflitos étnicos produzidos a partir dos encontros com o Outro, brindando ao leitor novas possibilidades de reflexão sobre a versão historiográfica estabelecida e, ao mesmo, desvelam o protagonismo histórico de todos os grupos étnico-raciais.

## REFERÊNCIAS

- CASAGRANDE, A.J.C. *A Utópica Teresevile*. São Paulo: Garimpo Editorial, 2016.
- CELLA, T. N. *Retratos literários do Paraná – do clássico ao contemporâneo: uma trajetória do romance histórico paranaense*. 2022. 303 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2022.
- ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. Trad. Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- FERNANDES, J. C. *Saga da esperança: socialismo utópico à beira do Ivaí*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2006.
- FLECK, G. F. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*. Curitiba: CRV, 2017.
- GENETTE, G. *Discurso da narrativa*. 1ª ed. em Português. Lisboa: Arcádia, 1979. Trad. Fernando Cabral Martins.
- GASPAROTTO, B. A. *Diálogos entre o Velho e o Novo Mundo: uma leitura de Vigília del Almirante (1992) e Carta del fin del mundo (1998)*. 2011. 213 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2011.
- SALLES, I. G. *Trabalho, Progresso e a Sociedade Civilizada*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. *Dicionário Básico de Filosofia*. 3. ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- LINS, O. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática. 1976.
- MANFREDINI, L. *Retrato no entardecer de agosto*. Curitiba: Ipê Amarelo, 2016.
- PARANÁ. Leis. *Decretos, Regulamentos e Deliberações*. Tomo II. Governo da Província do Paraná. 1855 –1857. Curitiba: Typographia Penitenciária. 1912. p.16 e 17.
- SILVA, A. G. Z.. A trajetória de Jean Maurice Faivre: a fundação da academia nacional de medicina e da colônia Thereza Christina no período imperial (1829/1847). *VIII Congresso Internacional de História, XXII Semana de História*. Maringá: UEM, 2017. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/3539.pdf>. Acesso em 01 Abr 2023.